



**A PLURIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA MULTIFUNCIONALIDADE: UM
ESTUDO DAS FAMÍLIAS RURAIS SITUADAS NA ROTA
TURÍSTICA DA UVA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ – SP**

***PLURIATIVITY FROM THE PERSPECTIVE OF MULTIFUNCTIONALITY: A STUDY
OF RURAL FAMILIES LOCATED ON THE ROUTE
TOURISTICS OF GRAPE IN THE MUNICIPALITY OF JUNDIAÍ – SP***

Autor(es): Tamires Regina Rocha

Filiação: Doutoranda em Geografia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Campus de Presidente Prudente

E-mail: tamiresrerocha@hotmail.com

Autor(es): Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol

Filiação: Professora do Departamento de Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Presidente Prudente

E-mail: medeiroshespanhol@gmail.com

Autor(es): Alan da Silva Vinhaes

Filiação: Doutorando em Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Campus de Presidente Prudente

E-mail: asvinhaes2013@gmail.com

Grupo de Trabalho (GT): GT5. Agricultura familiar e ruralidades

Resumo

A dinâmica do espaço geográfico, da qual o espaço rural faz parte, tem se tornado cada vez mais complexa e mutável. Uma das implicações dessas características está relacionada à diversificação das ocupações da população residente em áreas rurais, bem como nas novas funções atribuídas ao rural e à agricultura, que vão muito além da agropecuária, já que o rural se tornou, ao longo do tempo, multifuncional, nesse sentido, que se destaca a pluriatividade. O objetivo do trabalho é analisar a pluriatividade como estratégia de reprodução social e econômica dos agricultores situados na Rota Turística da Uva, localizada no município de Jundiaí-SP. Para a consecução desse objetivo foram realizadas pesquisa bibliográfica e trabalho de campo com aplicação de formulário junto às famílias situadas nos bairros que compõem a Rota Turística da Uva. Concluiu-se que, nas propriedades rurais visitadas, a atividade agrícola ainda permanece, principalmente o cultivo da uva. Porém, os produtores passaram a diversificar suas atividades, apostando em atividades não-agrícolas, principalmente no turismo rural, através da abertura de adegas, restaurantes, pesque-pague e colhe e pague, atraindo assim, um maior número de consumidores vindo de grandes centros urbanos como São Paulo e Campinas.

Palavras-chave: multifuncionalidade; pluriatividade, Rota Turística da Uva, Jundiaí.

Abstract

The dynamics of geographic space, of which rural space is a part, has become increasingly complex and changing. One of the implications of these characteristics is related to the diversification of occupations of the population residing in rural areas, as well as the new functions attributed to rural areas and agriculture, which go far beyond agriculture and livestock, since rural areas have become, over time, multifunctional, in this sense, that pluriactivity stands out. The objective of this work is to analyze pluriactivity as a strategy for the social and economic reproduction of farmers located on the Rota Turística da Uva, located in the municipality of Jundiaí-SP. To achieve this objective, bibliographical research and field work were carried out with the application of a form with the families located in the neighborhoods that make up the Tourist Route of Uva. It was concluded that, in the rural properties visited, the agricultural activity still remains, mainly the cultivation of grapes. However, the producers began to diversify their activities, betting on non-agricultural activities, mainly in rural tourism, through the opening of wineries, restaurants, fish-pay and harvest-and-pay, thus attracting a greater number of consumers coming from large centers urban areas such as São Paulo and Campinas.

Key words: multifunctionality; Pluriactivity, UVA tourist route, Jundiaí.



1. Introdução

O mundo rural passou por mudanças significativas em seu conteúdo e em suas paisagens. Essas mudanças demonstram a formação de um espaço distinto em termos de uso da terra e, principalmente, no quadro das relações econômicas e sociais estabelecidas. Tal complexidade sugere um desenvolvimento contínuo, seja pela adaptabilidade e permanência, seja pela transformação dos espaços rurais, como os bairros localizados próximos aos grandes centros urbanos. Esse é o caso do nosso recorte espacial abordado no presente texto, ou seja, os bairros rurais situados próximos à cidade de Jundiaí e que formam a Rota Turística da Uva.

Nessa localidade, além das mudanças que se manifestaram no plano territorial, em que o espaço rural se tornou heterogêneo, destaca-se as mudanças no plano social, em que as famílias de agricultores começaram a mudar sua estrutura de trabalho e os seus modos de vida tradicionais, passando a incorporar valores até então considerados urbanos, além de diferentes estratégias de reprodução social e econômica na tentativa de sobreviver no campo.

Parte-se da hipótese de que as famílias rurais, com o objetivo de resistir e permanecer na propriedade, passam a adotar diferentes estratégias de reprodução social e econômica que, vão além das atividades agrícolas, tendo em vista que ocorreu a incorporação de diversas atividades e rendas não-agrícolas, relacionadas principalmente com o trabalho externo – na indústria, no comércio, nos serviços públicos –, no lazer – turismo rural – e prestação de serviços, que se desenvolveram no município foco da pesquisa, ou seja, Jundiaí.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a pluriatividade como estratégia de reprodução social e econômica dos agricultores situados na Rota Turística da Uva no município de Jundiaí-SP.

Para a consecução dos objetivos da investigação foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento, seleção e análise da bibliografia que trata dos temas relacionados a multifuncionalidade, estratégias de reprodução social e econômica e pluriatividade. Também foi realizado o levantamento de material bibliográfico que trata sobre as características gerais do município de Jundiaí-SP, bem como da Rota Turística da Uva.

Além disso, houve a coleta de dados de fontes secundárias, por meio de informações populacionais (extraídas do IBGE - estimativa de 2021) e econômicas (IBGE – 2016/2017) - vinculados aos setores agrícola, industrial e de serviços do município.

Após a sistematização das informações bibliográficas e de fontes secundárias, foram realizadas pesquisas empíricas (entre fevereiro e abril de 2021)¹ para a produção de dados e informações de fontes primárias.

A Rota Turística da Uva é composta por cinco (5) bairros rurais (Caxambu, Roseira, Toca, Jundiaí-Mirim e Colônia) e possui 14 propriedades rurais. Nesse sentido, houve a aplicação de formulário elaborado considerando uma amostra de 50%, totalizando sete (7) propriedades rurais, unifamiliares, de modo a compreender a pluriatividade das famílias.

O trabalho se subdivide em cinco seções, além desta introdução, considerações finais e referências. Na primeira seção, aborda-se quando e porque o termo multifuncionalidade começou a ser utilizado na Europa e, posteriormente, sua disseminação no Brasil. Parte-se da ideia de que a noção de multifuncionalidade surge como uma nova perspectiva para analisar a agricultura, a qual passa a ser compreendida a partir de outras funções, que vão além da

¹ As entrevistas foram realizadas ao ar livre (na parte exterior dos estabelecimentos), respeitando os protocolos de segurança orientados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à pandemia de COVID-19, como distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel nas mãos.



produção de alimentos e matérias-primas. Na segunda, enfoca-se a temática da pluriatividade como estratégia de reprodução social e econômica, em que muitas famílias passam a combinar atividades não-agrícolas com as agropecuárias para permanecer no campo. Na terceira, é realizada uma breve caracterização do município de Jundiá e da Rota Turística da Uva; e, por fim, na quarta seção é exposta e analisadas informações sobre o perfil das famílias estudadas, destacando elementos como: gênero dos entrevistados; faixa etária e aposentadoria, além da pluriatividade das famílias, destacando as principais atividades desenvolvidas que as caracterizam como pluriativas.

2. A origem e o desenvolvimento da noção de multifuncionalidade

Nas últimas duas décadas tem sido realizado inúmeros debates internacionais que tem como objetivo buscar soluções para os problemas ocasionados ou agravados pela Revolução Verde. A Revolução Verde trouxe sérios problemas, não apenas de cunho econômico, mas também, sociais e ambientais e, portanto, contribuiu para que diferentes grupos se mobilizassem ao redor do mundo, por meio de um movimento de conscientização e reconhecimento das ações provocadas por esse modelo produtivista (KLEIN; SOUZA, 2013).

Neste contexto, os problemas proporcionados pelo modelo produtivista no desenvolvimento da agricultura fizeram com que surgisse uma proposta alternativa, que ficou conhecida como multifuncionalidade da agricultura, “um neologismo que é rapidamente incorporado ao jargão acadêmico e político internacional” (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 09). Para Soares (2008), a mudança de discurso em favor da modernização agrícola para o da multifuncionalidade da agricultura é um momento decisivo, não apenas enquanto padrão de desenvolvimento, mas sim, como objeto de investigação social.

Ainda que a noção de multifuncionalidade da agricultura esteja em elaboração e promova debates e divergências, ela refere-se,

[...] de modo geral, ao reconhecimento de que à agricultura, e aos agricultores cabe, além da produção agropecuária, a garantia da qualidade dos alimentos, a manutenção do potencial produtivo do solo, a conservação das características paisagísticas das regiões, a proteção ambiental no meio rural, a manutenção de um tecido econômico e social rural, a conservação do capital cultural e a diversificação das atividades rurais (FROEHLICH, 2002, p. 61).

Porém, os debates sobre a multifuncionalidade da agricultura tiveram início de maneira oficial em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como a RIO-92² que ocorreu no Rio de Janeiro. A partir desse evento que as lideranças internacionais, de diversos países, concordaram com o caráter multifuncional da agricultura, principalmente sobre a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável (KLEIN; SOUZA, 2013).

Nesse sentido, no ano de 1998, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE, reconheceu a agricultura como portadora de outras funções além da produção de alimentos e matérias-primas, tais como realçar a paisagem, gerar vários benefícios para o ambiente, entre eles, destacam-se a preservação dos solos, o uso sustentável dos recursos renováveis e a própria conservação da biodiversidade; favorecendo também a viabilidade socioeconômica dos espaços rurais (SOARES, 2001).

Deste modo, a multifuncionalidade pode ser considerada uma importante estratégia para o desenvolvimento rural, tendo em vista que possibilita entender a complexidade do mundo

² Declaração do Rio de Janeiro sobre o Desenvolvimento Sustentável denominada Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável ocorrida de 03 a 14 de junho de 1992. Também conhecida como Eco-92 (SOARES, 2008, p. 45).



rural e as suas distintas dinâmicas sociais e culturais que estão ali presentes, contribuindo, também, para o reconhecimento de novas funções e atividades que têm sido realizadas no espaço rural (KLEIN; SOUZA, 2013).

No contexto brasileiro, o debate sobre a multifuncionalidade da agricultura ainda é muito recente e vem se difundindo conforme a temática vai ganhando relevância internacional. Conectado ao processo de transformação que se desenrola em nível mundial, “o Brasil assume o compromisso de promover um desenvolvimento sustentável, e nesta empreitada enfrenta o desafio de conciliar o crescimento da produção agrícola com a preservação ambiental e o compromisso público com a sustentabilidade” (SOARES, 2008, p. 49-50).

Entretanto, é preciso considerar que, no Brasil, a pluralidade de situações que podem ser percebidas no meio rural faz com que as múltiplas funções “não sejam análogas ao conjunto da agricultura, em muitos casos, os serviços prestados pelos diferentes setores agrícolas à sociedade podem ser classificados como antagônicos, o que representa um complicador para a validação prática da multifuncionalidade da agricultura no caso brasileiro” (SOARES, 2001, p. 45).

Neste sentido, a valorização da multifuncionalidade da agricultura é vista de maneira mais destacada na Europa e, ainda de forma incipiente no Brasil. A multifuncionalidade ganha cada vez mais visibilidade em âmbito acadêmico e em campos exclusivos das esferas públicas, em que se unem elementos positivos, como por exemplo, o avanço das políticas nacionais em torno da agricultura familiar – pelo menos até o ano de 2016, após esse ano, e particularmente, a partir de 2018, houve retrocesso -, apesar de tais componentes ainda continuarem secundários na política brasileira (FROEHLICH, 2002).

As transformações nos espaços rurais que vem acontecendo estão muitas relacionadas ao cenário atual, ou seja, um mundo em que as velocidades, as novas tecnologias, o processo de globalização, o ambientalismo, a busca em construir uma nova concepção de desenvolvimento, a redução das desigualdades econômicas e a prudência ambiental são temas que estão cada vez mais presentes nos debates internacionais (GEDIEL; FROEHLICH, 2007).

Assim, verifica-se -se o “ressurgimento” do rural a partir da

[...] necessidade de padrões de vida naturais, sob teorias de desenvolvimento “sustentável” e local e as novas relações entre a cidade e o campo. A utilização do meio rural através de aspectos inovadores de bens e valores econômicos, deriva de uma mudança cultural nos valores sociais sobre o rural, nas quais associam-se as demandas ecológicas e à busca da natureza. O rural deve ser visto como um local privilegiado, com o contato da sociedade com a natureza. Devido às recentes transformações, as concepções e relações da sociedade humana com a natureza, fazem com que haja interação entre a sociedade que vive nas cidades e a do campo, modificando aos poucos o paradigma estabelecido onde o espaço rural deve ser apenas utilizado no papel agrícola-alimentar (GEDIEL; FROEHLICH, 2007, p. 02).

Portanto, a multifuncionalidade da agricultura reconhece que os estabelecimentos agropecuários e os produtores rurais que neles residem, definam suas estratégias realizando funções que não são apenas de cunho produtivo e mercantil, mas sim, realizem uma articulação entre a agricultura e o desenvolvimento local. A multifuncionalidade institui uma ligação entre a atividade agrícola e o território, destacando seu papel na manutenção do emprego nas áreas rurais (MALUF, 2003).

Neste sentido, a definição de multifuncionalidade da agricultura apresenta-se como:

[...] o conjunto de contribuições a um desenvolvimento econômico e social considerado em sua unidade que, para além da produção de alimentos, pautando-se em funções claramente inter-relacionadas, responsabiliza-se pela

segurança alimentar; manutenção do território; proteção ambiental; manutenção do tecido econômico e social rural, diversificação das atividades que podem passar a incluir práticas como o agroturismo, o turismo rural, mostras gastronômicas, etc. (SOARES, 2008, p. 54).

De acordo com Pinto-Correia *et al.* (2007) foi também a partir da década de 1990, inicialmente na Europa, que se passou a dar maior importância ao caráter multifuncional da paisagem. Este interesse está relacionado à transição na compreensão do rural, ou seja, da passagem de um modelo produtivista ao pós-produtivista, e a crescente procura social pela paisagem rural.

A dinâmica da paisagem rural continua relacionada ao setor agrícola e florestal, no entanto, com a perda de importância econômica da agricultura, a procura social de funções diversas suportadas pela paisagem rural têm vindo constantemente a crescer e, o espaço que anteriormente era essencialmente de produção tem vindo a transformar-se em espaço de consumo. Mesmo que o uso do solo continue agrícola, em algumas situações, a agricultura é cada vez mais apenas uma das atividades do mundo rural, e as próprias famílias agrícolas dependem cada vez menos do rendimento direto da agricultura. A estas mudanças surge também a necessidade de encontrar novos usos e funções da paisagem rural. Utilizar o conceito de multifuncionalidade do ponto de vista analítico significa avaliar que funções são suportadas por uma determinada paisagem, num determinado tempo, e de que forma essas funções se potenciam mutuamente ou estão em conflito (PINTO-CORREIA *et al.*, 2007, p. 03).

Essa perspectiva da multifuncionalidade das paisagens está muito presente no município de Jundiá, especialmente nos bairros rurais pesquisados da Rota Turística da Uva. Historicamente, o espaço rural desses bairros tinha como característica paisagística principal a produção agrícola, através do cultivo da uva Niágara, ou seja, a principal fonte de renda das famílias que viviam no campo provinha das atividades voltadas para a agricultura.

Entretanto, atualmente, ao analisar as propriedades rurais percebe-se que o significado mudou, a agricultura se tornou uma atividade secundária para muitas famílias, novas atividades de cunho não-agrícola foram incrementadas, como adegas, restaurantes rurais, museu etc., - e, em um caso particular, transformando uma propriedade rural em um complexo turístico - ou seja, se passou a investir em atividades voltadas para o turismo rural que tem se tornado - na grande maioria, - na principal fonte de renda das famílias (conforme iremos ver adiante).

Levando em consideração as concepções abordadas até aqui em que o espaço rural vem passando por intensos processo de transformações, em que a noção de multifuncionalidade se faz presente por distintos usos e funções que o rural vem assumindo no período contemporâneo (GEDIEL; FROEHLICH, 2007).

Na próxima seção destaca-se o papel da pluriatividade como estratégias de reprodução social para a permanência das famílias no campo.

3. A pluriatividade como estratégia de reprodução social e econômica das famílias no campo

Quando se estuda o pequeno agricultor deve-se considerar as estratégias que são empregadas, os desafios enfrentados e os instrumentos que estão ao seu alcance para continuar se reproduzindo socialmente no campo. Essas estratégias podem ser compreendidas como respostas às transformações globalizantes originárias do mercado e da cultura urbana que se refletem espacialmente (MENEGATI, 2008).



Para Alves (2004), as estratégias estabelecidas pela família para se manter no campo e preservar o seu modo de vida, vão muito além de apenas aspectos econômicos e técnicos, pois as questões políticas e cultural também são consideradas. Além do mais, a relação entre a família, como unidade de produção, e o trabalho, compreendido como a soma de relações estratégicas e as racionalidades adaptativas, permite perceber que a reprodução social das famílias se fundamenta, principalmente, nas construções simbólicas e nos laços pessoais e de mercados.

Ao desenvolver estratégias para permanecer no campo, a família considera não apenas a satisfação material, mas, também outros aspectos, tais como a ideia de permanecer na propriedade rural que era de seus antecessores, como avôs e depois dos pais; os laços que se estabelecem com os vizinhos, compadres e parentes, ou seja, é uma questão de tradição e de relações de vínculos estabelecidas no território.

“Assim, não basta analisar a relação com a terra apenas pelo viés econômico, jurídico e social, é preciso, pois, enfrentar essa relação através de vários ângulos: econômico, social, político, jurídico, simbólico, étnico, cultural e espacial, que é transmitido para gerações futuras” (PEDRO; HESPAHOL, 2013, p. 64).

Muitas famílias ou parte de seus membros tem optado por combinar atividades não-agrícolas com as atividades agropecuárias, recorrendo à pluriatividade como estratégia de reprodução social.

O conceito de pluriatividade percorreu um longo caminho até atingir o nível de entendimento hoje alcançado. Para Silva (2010)

[...] remonta ao início do século XX a discussão em torno de termos como “agricultor em tempo parcial”, “atividades não-agrícolas no meio rural”, “empregos múltiplos”, “fontes de renda diversificadas” e pluriatividade. Isso significa que, anteriormente, já se discutia sobre o assunto, usando-se outras terminologias (SILVA, 2010, p. 73).

Teixeira (2017) expõe que o debate sobre a pluriatividade teve início nos países em que o capitalismo se desenvolveu de maneira mais avançada, ou seja, nos Estados Unidos e em países da Europa. *Part-time farming* e *full time farming* eram os termos empregados nos EUA para demonstrar a diversificação das atividades agrícolas, enquanto que *pluriactivité* ou *pluriactivity* eram utilizados na França.

Segundo Graziano da Silva (1999), o crescimento das atividades não-agrícolas no meio rural proporcionou que as atividades agropecuárias passassem a ser realizadas em tempo parcial, assegurando a dinâmica da pluriatividade.

Cardoso (2013) ressalta que, no caso das sociedades europeias, a pluriatividade pode ser melhor compreendida através de alguns fatores: primeiro, ela passa a ser caracterizada como um importante mecanismo para controlar o êxodo rural proporcionado pelas transformações capitalistas no campo; segundo, ela resulta na conservação da agricultura familiar, uma vez que este segmento social representa a base da estrutura fundiária europeia, contribuindo para a permanência das famílias no campo; e, terceiro, a pluriatividade é compreendida como fator capaz de efetuar um dos objetivos da PAC (Política Agrícola Comum), que é o de igualar o nível de renda da população rural com a urbana.

No Brasil, o debate sobre a pluriatividade surgiu apenas no final da década de 1980, porém, de maneira bem pontual, direcionando as pesquisas na Região Sul do Brasil, em que Sergio Schneider foi um dos pioneiros a tratar sobre o tema (TEIXEIRA, 2017).

Para Schneider (2005), alguns fatores são fundamentais para o surgimento das novas formas de emprego e geração de renda para os agricultores,



[...] que proporcionam mudanças nas formas de ocupação no meio rural e no crescimento da pluriatividade. Entre os fatores estão: a própria modernização técnico-produtiva da agricultura; a terceirização agrícola; a queda das rendas agrícolas; as políticas de estímulo as atividades rurais não-agrícolas e contenção das migrações; as mudanças nos mercados de trabalho e o reconhecimento da importância crescente da agricultura familiar no meio rural (SCHNEIDER, 2005, p. 3).

Schneider (2009) realiza um resgate histórico acerca da pluriatividade, já que a expressão é tida como relativamente nova e ainda pouco investigada no Brasil. Porém, a sua prática é antiga e sempre esteve presente no campo, pois o agricultor, mesmo realizando atividades na terra, como o cultivo e a criação de animais, sempre praticou outras atividades que não necessariamente estavam ligadas à agricultura, podendo estas serem realizadas simultaneamente.

Apesar dos inúmeros fatores que levam à prática da pluriatividade e das atividades não-agrícolas, eles tendem a um único objetivo: garantir a permanência das famílias no campo.

Schneider (2006) discorre sobre o conceito de pluriatividade, considerando que

[...] a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõem a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura, em uma mesma unidade de produção por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco consanguinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção), que compartilha entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família (SCHNEIDER, 2006, p. 2).

Deste modo, de acordo com Schneider (2005), o que vai caracterizar a família como sendo pluriativa ou não, são a combinação das atividades agrícolas com: as atividades para-agrícolas (processamento de alimentos, agregação de valor, produção de vinho etc.); as atividades desenvolvidas na própria unidade sem vínculos agrícolas (chácaras de lazer, pesque-pague, artesanato etc.); o turismo rural e os trabalhos externos (empregos em diversos setores da economia, como indústria, comércio, prestação de serviço etc.).

Sendo assim, a pluriatividade pode ser entendida como a interação das diversas atividades agrícolas e não-agrícolas que a família pode exercer dependendo das possibilidades existentes na propriedade rural, bem como o desenvolvimento de atividades remuneradas que podem ser realizadas fora da propriedade, criando um mercado amplo de trabalho, pois, não somente as atividades agropecuárias serão priorizadas e realizadas. Entretanto, isso não significa que os agricultores e suas propriedades deixarão as atividades agropecuárias para se dedicar exclusivamente as atividades não-agrícolas, pois a pluriatividade deve ser vista como uma estratégia para a melhoria de renda e qualidade de vida da família.

Na visão de Del Grossi e Graziano da Silva (1998), o conceito de pluriatividade possibilita associar as atividades agrícolas com outras que proporcionem ganhos monetários, independentemente de serem realizadas no interior ou no exterior da propriedade rural. Desse modo, pode-se considerar as atividades praticadas por todos os membros da família, até mesmo os trabalhos por conta própria, assalariado e não assalariado, realizados internamente ou externamente à propriedade. Portanto, o conceito de agricultura a tempo parcial fica incluído no interior do conceito de pluriatividade.

Alentejano (1999) afirma que a pluriatividade envolve a diversificação nas formas de organização, “com multiplicação de estratégias complementares de reprodução dos agricultores, como o assalariamento urbano, a transformação industrial ou artesanal da



produção agrícola, e o desenvolvimento de atividades terciárias (serviços e lazer) na propriedade rural” (ALENTEJANO, 1999, p. 155).

Isto vem ocorrendo nas propriedades rurais visitadas na Rota Turística da Uva no município de Jundiá, em que, além de se manter a prática agrícola (através principalmente do cultivo da uva) nas propriedades pesquisadas, as famílias realizam a transformação artesanal da produção agrícola (produção de vinho que é comercializada em adegas) e investimento no turismo rural, com a abertura de restaurantes rurais, pesque-pague, museu, etc. nas propriedades rurais.

Cabe destacar que existe diferença em relação aos termos pluriatividade e atividades não-agrícolas. De acordo com Schneider (2006), as atividades não agrícolas são:

[...] tipos de ocupações em ramos e setores de atividades econômicas e produtivas classificadas como não-agrícolas. O crescimento das atividades não-agrícolas pode estar mais relacionado com as alterações nos mercados de trabalho rurais, expressando os novos modos de ocupação da força de trabalho. Nem sempre o crescimento das ocupações não-agrícolas das pessoas ou famílias com domicílio rural, neste ou naquele setor ou ramo, implica em um aumento proporcional da pluriatividade das famílias. Não se pode esquecer que os indivíduos que formam uma determinada família podem optar entre combinar duas ocupações (assumindo a condição de pluriativos) ou escolher pela troca de ocupação, deixando o trabalho agrícola e passando a ocupar-se exclusivamente em atividades não-agrícolas, mesmo sem deixar de residir no meio rural (SCHNEIDER, 2006, p. 5).

Dessa forma, como aponta Schneider (2003b), o aumento de ocupados rurais não-agrícolas não ocasiona o crescimento obrigatório do número de pluriativos, mesmo que exista uma íntima relação entre eles. Esta diferenciação é essencial para se entender as transformações que acontecem nas relações de trabalho no interior das famílias e no espaço rural.

Para Schneider (2006), por estas razões:

[...] é cada vez mais aceito entre os estudiosos do mundo rural que está em marcha um processo de diferenciação entre a agricultura e o espaço rural, especialmente a partir da década de 1990, pois vem-se assistindo a um crescimento significativo de pessoas em idade ativa que residem nas áreas rurais, mas estão ocupadas em atividades não-agrícolas. Este fenômeno reforça um clássico argumento dos cientistas sociais que afirmam que além da função de produção de alimentos e matérias-primas, o espaço rural também se constitui em um lugar de moradia, de lazer, de identidade cultural, de relação com a natureza, etc; enfim, um espaço multifuncional (SCHNEIDER, 2006, p. 13).

Por ser a pluriatividade tão complexa e apresentar várias formas de expressão, desde a fabricação artesanal de produtos até o trabalho assalariado em determinado local, é que são apresentadas divisões, tornando o conceito mais operacional. Schneider (2006) identifica cinco tipos de pluriatividade: 1- “Inter setorial” articulação da agricultura com os demais setores da economia; 2- “Base Agrária” demandas de serviços não agrícolas geradas pelo próprio processo de modernização da agricultura; 3- “Sazonal” informalidade e precariedade da venda da força de trabalho; 4- “Para-Agrícola” transformação e beneficiamento de algum produto agrícola obtida dentro do estabelecimento; 5- “Tradicional” produção para o autoconsumo, ocorrendo dentro da propriedade, combinado atividades de produção, transformação e artesanato.

A pluriatividade surge “como uma alternativa para os agricultores e suas famílias que buscam novas atividades que possam melhorar a renda da família. Além disso, a pluriatividade



atribuiu novas funções ao espaço rural, que, além de território da produção agrícola, também passaria a ser um espaço multifuncional” (SCHNEIDER, 2007, p. 22).

Nesse sentido, para Teixeira (2017), a pluriatividade é:

[...] fundamental para analisar a realidade contemporânea no meio rural, pois o crescimento do emprego não-agrícola isoladamente pode provocar, a médio ou longo prazo, a redução das atividades agrícolas e a proletarização da mão-de-obra familiar. É, portanto, uma das possíveis alternativas para garantir a melhoria da renda dos agricultores rurais, além de fixar as famílias de agricultores nos núcleos rurais, estimulando a ampliação de atividades que podem proporcionar desenvolvimento das áreas rurais (TEIXEIRA, 2017, p. 38).

Apesar dessa possibilidade de elevação do poder aquisitivo e da renda, a abordagem da pluriatividade sofre uma série de críticas, principalmente, porque a referência para pensar a pluriatividade no Brasil é o que aconteceu na Europa, ou seja, seria a transposição do que aconteceu no velho continente para a realidade brasileira, o que é totalmente distinta.

De acordo com Mior (2000), a perspectiva teórica

[...] da pluriatividade não considera as especificidades que distinguem o Brasil dos países capitalistas desenvolvidos, onde as condições de inserção no mercado de trabalho são bastante diferentes, frutos de processos históricos distintos. Nesses países (capitalistas desenvolvidos), o êxodo rural foi um processo equilibrado, impulsionado pela expansão das oportunidades de emprego urbano-industrial e não pela falta de alternativas no meio rural como foi no Brasil. Além disso, a evolução do emprego rural não-agrícola representou uma oportunidade para aumentar a renda familiar equiparando os rendimentos dos assalariados rurais aos urbanos. Já no Brasil, a evolução desses empregos não-agrícolas veio representar a chance de sobrevivência no campo (MIOR, 2000, p. 12).

Além disso, a pluriatividade não pode ser vista como a única solução para os problemas do campo no Brasil, pois, cada local possui suas particularidades e mesmo com o fomento de políticas públicas que estimulem o seu desenvolvimento, muitas das vezes isso não ocorre. Isso está muito relacionado à situação geográfica dos municípios brasileiros, pois no caso de Jundiá, a sua localização próxima a duas Regiões Metropolitanas (São Paulo e Campinas) contribui para que as famílias rurais combinem atividades agrícolas e não-agrícolas em suas propriedades rurais, atraindo o público principalmente desses dois grandes centros metropolitanos que procuram nessas áreas entrar em contato com a natureza, a vida rural e a aquisição de produtos de origem artesanal.

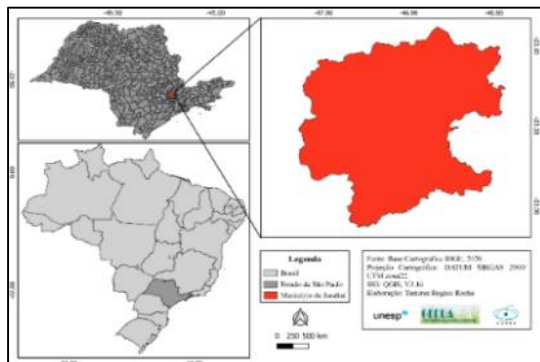
Entretanto, apesar das críticas e das divergências que devem ser consideradas, a pluriatividade pode ser entendida como uma forma de estratégia que foi resultado de escolhas e decisões realizadas pelos indivíduos de uma família perante as pressões econômicas e sociais que a agropecuária, principalmente em regime familiar, sofre diante da realidade a que foi imposta pelo mercado econômico existente. Como estratégia, as famílias rurais podem lançar mão de atividades não-agrícolas, assegurando sua reprodução social e econômica, bem como o desenvolvimento rural.

Na próxima seção é realizada uma breve caracterização do município de Jundiá e da Rota Turística da Uva, localidade em que se situam as famílias pesquisadas.

4. Caracterização do município de Jundiaí e da Rota Turística da Uva

O município de Jundiaí possui localização privilegiada (Mapa 1), estando situado entre as Regiões Metropolitanas de Campinas e São Paulo, além de ser cortada por duas vias de acesso consideradas como importantes do Estado de São Paulo (Rodovia Anhanguera e Bandeirantes).

Mapa 1. Localização do município de Jundiaí - SP



Atualmente, segundo o IBGE, Jundiaí conta com uma população total estimada de 426.935 habitantes e possui um IDH de 0,822, sendo considerado alto para o Estado de São Paulo (IBGE, 2016).

Em 2017, segundo o IBGE, o município possuía o 7º maior PIB (Produto Interno Bruto) do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 39,8 bilhões e PIB *per capita* de R\$ 105.187,60, maior que o de todas as capitais do país, e 109% maior que o PIB *per capita* do Estado (IBGE, 2017).

Em 2019, segundo dados da Prefeitura Municipal, Jundiaí possuía o 9º PIB industrial do Estado de São Paulo e o 7º PIB em prestação de serviços e comércio. Apesar dessa importância do setor industrial, do comércio e serviços, a agricultura e o espaço rural tiveram e ainda tem importância fundamental no processo de formação e consolidação do município, sendo conhecido nacionalmente como a “capital da uva”.

O município de Jundiaí é reconhecido no Mapa Turístico do Estado de São Paulo como categoria B (ao lado das dez estâncias apontadas na categoria A) como uma das principais localidades de visitas de lazer (ao lado de negócios). Jundiaí possui seis rotas turísticas consolidadas (Rota Turística do Castanho; Rota Turística do Centro Histórico; Rota Turística da Cultura Italiana; Rota Turística Terra Nova; Rota Turística da Uva e Rota Turística do Vinho), sendo cinco (5) destas voltadas para o turismo rural e consideradas como um dos mecanismos de valorização, com áreas rurais, paisagens, adegas, restaurantes campestres, museus do vinho e produtos típicos, que são atrações tanto para os turistas quanto para os moradores da própria cidade e região, sobretudo nos feriados e finais de semana (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2016).

A Rota Turística da Uva (nosso objeto de estudo) é um circuito turístico implantado no ano de 2016 no município de Jundiaí que percorre belas paisagens e reúne inúmeros pontos de visitação entre sítios produtivos, adegas e restaurantes. Esses locais possuem histórias relacionadas à cultura da uva na região, além de oferecer algumas opções gastronômicas tais como, vinhos, doces, geleias, pães caseiros e massas italianas (ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ, 2016, n.p).

Essa rota possui uma história marcada pela:

[...] imigração italiana e pelo charme das videiras – esta região concentra grande parte da produção de uvas e de vinhos de Jundiaí realizada pelos descendentes de italianos que ali se instalaram. As famílias tradicionais

italianas trouxeram consigo não somente a vontade de desbravar um novo país, mas também de plantar aqui suas raízes e reconstruir suas tradições. Com isso, a cultura da uva foi quase uma consequência e, com ela, a produção do vinho. Para a gastronomia tradicional compor as atrações da região foi só mais um passo. A Rota da Uva é uma rota de cores, paisagens e sabores indescritíveis (ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ, 2016, n.p).

A Rota Turística da Uva está situada no setor norte do município de Jundiaí, sendo este conhecido como “região do Caxambú” que incluiu os bairros Jundiaí-Mirim, Caxambú, Toca, Roseira e Colônia. Esses bairros, mesmo sendo apontados como rurais, apresentam um alto grau de urbanização e de estabelecimentos no setor de serviços, o que contribui ainda mais para o desenvolvimento do turismo. Os produtores rurais situados nesses bairros têm diversificado suas atividades econômicas para enfrentarem um novo cenário econômico (SILVA; MENDES, 2005).

De acordo com o Jornal “Tribuna de Jundiaí” (2018), “semanalmente, cerca de 9 mil pessoas fazem a Rota Turística da Uva, principalmente paulistanos fugindo da correria e estresse da capital e buscando o contato com a natureza e tranquilidade” (JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018, n.p).

Nessa perspectiva, o espaço rural passa a ser visto como sinônimo de natureza, tranquilidade, ar puro, alimentos saudáveis, entre outros aspectos, que simbolizam uma melhor qualidade de vida. Nesse contexto, de acordo com Biazzo (2008, p. 28), “nas últimas décadas tem se destacado uma nova percepção do campo, relativo a um modo de vida alternativo e ambientalmente sustentável, correspondente a um resgate da natureza pelos habitantes da cidade que se dirigem ao campo”.

Na próxima seção será analisado o perfil das famílias que tem propriedades situadas na Rota Turística da Uva, bem como as estratégias adotadas pelos produtores rurais para permanecer no campo, afim de compreender a pluriatividade.

5. A pluriatividade como estratégia de reprodução social e econômica das famílias situadas na Rota Turística da Uva no município de Jundiaí – SP

O exercício de caracterizar o perfil das famílias pesquisadas é de suma importância ao estudo da pluriatividade. Entende-se que a família, como uma instituição social dinâmica, seja capaz de sofrer adaptações e, simultaneamente, desenvolver estratégias individuais e coletivas com vistas a sua reprodução social e econômica no campo.

Sendo assim, o trabalho empírico foi de fundamental importância para estabelecer o contato com as famílias rurais. Portanto, será analisada as famílias responsáveis pelas propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva. Foram visitados e entrevistados os responsáveis por sete (7) propriedades rurais (Quadro1) que se localizam ao longo dessa rota.

Quadro 1. Propriedades visitadas na Rota Turística da Uva, nome do entrevistado e seu respectivo bairro de localização

Propriedades Rurais Visitadas na Rota Turística da Uva	Nome do Entrevistado	Bairro Localizado
Propriedade Rural da Família A	C.M	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família B	P.B	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família C	A.V	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família D	S.S	Bairro Colônia
Propriedade Rural da Família E	R.F	Bairro Jundiaí-Mirim
Propriedade Rural da Família F	A.M	Bairro da Roseira
Propriedade Rural da Família G	F.G	Bairro da Toca

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. Org. Autores.

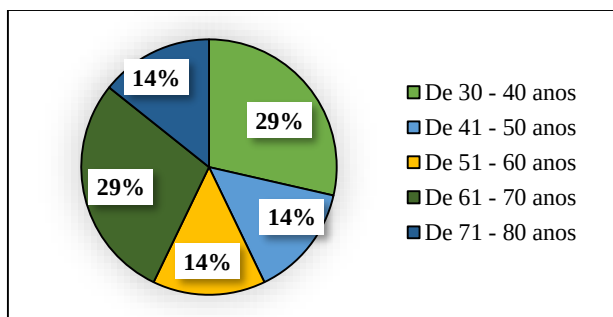
Para uma melhor organização, procurou-se aplicar o formulário³ diretamente aos responsáveis pela propriedade rural ou com seus filhos(as), devido a pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social, pois alguns dos responsáveis pelas propriedades que são de idade mais avançada, preferiram não se expor. Assim, em 67% (4) do total de famílias estudadas, o formulário foi aplicado diretamente com o filho(a) do responsável, e em 33% (3) a aplicação ocorreu diretamente com o responsável pela propriedade rural.

Verificou-se, na pesquisa de campo, o predomínio de entrevistados do gênero masculino na Rota Turística da Uva. Dos sete (7) entrevistados, seis (6) foram do gênero masculino, enquanto que, apenas um (1) dos entrevistados foi do gênero feminino, sendo a responsável pela família D.

As mulheres sempre desempenharam “um papel fundamental no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico do território rural. Sua importância não se limita a participação nas atividades agrícolas ou não-agrícolas, mas sim, está intimamente ligada aos costumes, tradições e valores” (CARNEIRO, 2001, p.1), - mesmo ocorrendo, no momento de realização das entrevistas, a predominância dos homens como os informantes -. No caso da entrevistada da família D, esta optou por dar continuidade as atividades que a família desenvolvia em épocas passadas, mantendo a tradição familiar em torno da produção da uva e do vinho.

No quesito faixa etária, é possível observar no Gráfico 1 que ocorreu o predomínio de entrevistados com idade entre 30-40 anos (29% - entrevistados das famílias A e G) e de 61-70 anos (29% - entrevistados das famílias E e F), além disso, há entrevistados de 41-50 anos (14% - entrevistado da família B), entre 51-60 anos (14% entrevistada da família D) e entre 71-80 anos (14% - entrevistado da família C).

Gráfico 1. Faixa etária dos entrevistados da Rota Turística da Uva



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. Org. Autores.

É possível observar o predomínio de entrevistados com faixa etária superior a 51 anos de idade (representando 57%). Esse fato está intimamente associado ao fator herança, uma vez que se constituem na terceira ou quarta geração familiar em relação ao patriarca. Aqueles entrevistados com faixa etária entre trinta e quarenta anos referem-se aos filhos dos responsáveis pela propriedade rural, sendo que, durante a realização da entrevista F.G ressaltou que “o futuro da agricultura depende do envolvimento dessa geração [mais jovem] com a prática agrícola, mesmo nos casos em que, membros da família passam a trabalhar fora da propriedade, a agricultura deve ser sempre levada em consideração” (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA G EM FEVEREIRO DE 2021).

³ A aplicação do formulário com os filhos ou responsáveis pelas propriedades rurais ocorreu presencialmente, respeitando todos os protocolos de saúde da pandemia de COVID-19: distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.



Dentre os sete (7) entrevistados, se verificou que nas sete famílias analisadas há familiares aposentados em que, o valor da aposentadoria, equivale a um salário mínimo (Base fevereiro de 2021 - R\$ 1.100,00), o que é explicado pela proporção de pessoas com mais de 60 anos. Para os entrevistados, a aposentadoria também é importante no orçamento mensal familiar, mesmo sendo um valor inferior se comparado com as demais rendas da família advindas das atividades agrícolas e do próprio turismo rural.

Em relação à renda monetária total familiar (combinação entre a renda advinda com a agricultura e com atividades não-agrícolas), do total de entrevistados, seis (6 ou 85,7%) ressaltaram que é superior a 4 salários mínimos. Apenas um (1 ou 14,2%) dos entrevistados, da família C, expôs que a renda familiar gira em torno de 3 a 4 salários mínimos.

No Quadro 2 são expostas as informações das famílias estudadas, tais como, propriedade rural e seu respectivo bairro de localização e as atividades e rendas agrícolas e não-agrícolas desenvolvidas no interior e exterior da propriedade.

Quadro 2. Atividades e rendas agrícolas e não-agrícolas das famílias estudadas

PROPRIEDADE RURAL E BAIRRO DE LOCALIZAÇÃO	ATIVIDADES E RENDAS AGRÍCOLAS	ATIVIDADES E RENDAS NÃO-AGRÍCOLAS
Família A – Bairro Caxambú	Cultivo da uva: 25% da renda da família	Turismo Rural: 60% da renda da família - adega Trabalho no exterior da propriedade: 10% da renda da família Aposentadoria: 5% da renda da família
Família B – Bairro Caxambú	Cultivo da uva: 20% da renda da família	Turismo Rural: 70% da renda da família – adega e restaurante Aposentadoria: 10% da renda da família
Família C – Bairro Caxambú	Cultivo da uva e de hortaliças 100% orgânicas e comercialização de suínos, bovinos: 60% da renda da família	Turismo Rural: 25% da renda da família – adega e café/almoço preparado na propriedade Comercialização do leite de vaca: 5% da renda da família Aposentadoria: 5% da renda da família Trabalho externo na propriedade: 5% da renda da família
Família D – Bairro Colônia	Cultivo da uva: 10% da renda da família	Turismo Rural: 60% da renda da família – adega e restaurante Renda no exterior da propriedade: 20% da renda da família - adega no Maxi Shopping de Jundiaí Aposentadoria: 10% da renda
Família E – Bairro Jundiaí-Mirim	Cultivo da uva e de hortaliças: 15% da renda da família	Turismo Rural: 65% da renda da família – adega, restaurante e pesque-pague Aposentadoria: 10% da renda família Trabalho no exterior da propriedade: 10% da renda família
Família F – Bairro da Roseira	Cultivo da uva e de hortaliças orgânicas: 20% da renda da família	Turismo Rural: 65% da renda da família – adega e restaurante Aposentadoria: 10% da renda da família



Família G – Bairro da Toca

Cultivo da uva: 10% da renda da família

Turismo Rural: 80% da renda da família – adega e restaurante (Eventos Gastronômicos)

Aposentadoria: 10% da renda da família

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. Org. Autores.

A propriedade rural da família A, localizada no bairro rural do Caxambú, além das plantações e da comercialização da uva, diversifica a obtenção de fontes de renda mensal com a comercialização de produtos em uma adega situada na propriedade.

Ao observarmos o Quadro 2 verifica-se que a renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 25% da renda total mensal familiar, enquanto que, em relação as atividades e rendas não-agrícolas, 60% da renda equivale ao turismo rural através da adega da família, 10% equivale ao trabalho de dois familiares (irmão e esposa do entrevistado) no exterior da propriedade rural e 5% é representado pela aposentadoria dos responsáveis pela propriedade rural.

De acordo com as informações relatadas pelo entrevistado C.M, um dos herdeiros da propriedade rural da família A, o cultivo da uva é realizado pela família há mais de 70 anos e ainda representa uma das principais fontes de renda. O principal destino da fruta cultivada é o CEASA⁴ de Campinas e São Paulo, sendo que, há a atuação do intermediário.

A família produz cerca de 90 mil litros anualmente de vinho e a produção sempre é destinada para o ano seguinte, pois o processo é demorado. Além dos vinhos, a família produz licores, cachaças e sucos de uvas e os comercializa na adega da família.

Há também na adega, uma área reservada para a venda de outros produtos adquiridos em municípios de Minas Gerais – MG. Entre eles destacam-se os pães, queijos e doces.

A produção de vinho da família ficou mundialmente conhecida após o Papa Bento XVI celebrar a missa em sua vinda ao Brasil em 2007 e consumir o vinho. O vinho servido para a celebração foi o rose suave.

A segunda propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família B, também localizada no bairro rural do Caxambú. A família é um exemplo clássico de expansão do pequeno agricultor, pois transformou as terras que abrigavam apenas plantações de uva para fabricação de vinhos e sucos em algo maior - um complexo turístico - que reúne adega (para vender os produtos fabricadas no local: vinhos, licores, geleias, sucos, doces, massas, etc.), restaurante, Museu do Vinho, pomar de frutas, criação de animais e plantação de uva.

Ao analisarmos o Quadro 2, a renda obtida com as atividades agrícolas é muito inferior (equivale a 20% da renda total familiar mensal) se comparada com a renda advinda das atividades não-agrícolas, em que, destaca-se o turismo rural que representa 70% da renda total e 10% da renda referente à aposentadoria dos pais responsáveis pela propriedade.

Segundo o entrevistado, a comercialização da fruta (uva) só ocorre com uma barraca de frutas localizada na cidade de Jundiaí. A família produz cerca de 50 mil litros anuais de vinho, sendo que a maior parte da produção é comercializada na adega da família e uma pequena parte no restaurante da família para o consumo no local.

A adega possui um leque bem extenso quando o assunto são bebidas artesanais, que vão desde os vinhos, cachaças, licores, sucos de uva etc. Há também uma boa variedade de pães,

⁴ CEASA é a sigla para Centrais Estaduais de Abastecimento. As Ceasas são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros. Hoje, a grande parte das frutas, legumes e flores comercializadas em feiras, supermercados, restaurantes e sacolões foram por eles compradas através das Ceasas. Disponível em < <https://www.ceasa-ce.com.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/> > Acesso em: 15 de março de 2023.



massas, molhos, queijos, biscoitos, salames, doces, etc, que são, em parte, produzidos no local e parte adquiridos em Minas Gerais – MG.

O restaurante é todo dedicado à gastronomia italiana, pertencente as raízes da família. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente.

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou que não ocorrem, pois, todas as atividades são desenvolvidas no interior da propriedade rural, sempre buscando aprimorar ainda mais o turismo rural.

Outra propriedade rural visitada foi a da família C no bairro rural do Caxambú. De acordo com o entrevistado e responsável pela propriedade, A.V, o seu avô adquiriu a propriedade há mais de 100 anos.

Ao analisarmos o Quadro 2, de acordo com as informações expostas pelo pesquisado, a produção agropecuária ainda representa a maior fonte de renda da família (equivalendo a 60% da renda total familiar mensal), enquanto que, em relação as atividades e rendas não-agrícolas 25% da renda equivale a prática do turismo rural na propriedade, 5% da comercialização do leite de vaca, 5% da aposentadoria do entrevistado e 5% do trabalho de um dos membros da família (genro do entrevistado) no exterior da propriedade rural.

Em relação à comercialização da fruta (uva), o principal destino é o CEASA dos municípios de Jundiaí e Campinas, sendo que, há a atuação do intermediário, além disso, o entrevistado ressaltou que comercializa a fruta na propriedade, principalmente na adega da família.

Além do cultivo da uva, a propriedade é altamente produtiva com a produção diversificada de frutas, como goiaba, pêssago, banana, manga, entre outras. Há também na propriedade uma horta com produtos 100% orgânicos. A família decidiu investir na produção de orgânicos, devido esta ser uma forma de evitar prejuízos, uma vez que o consumo de produtos orgânicos tem aumentado. Entre os produtos destacam-se a alface, almeirão, cheiro-verde, agrião, couve, coentro, couve-flor, entre outros, que são comercializados na propriedade.

O entrevistado ressaltou que também realiza a criação de suínos e bovinos na propriedade rural da família, sendo que, ocorre a comercialização com pessoas que vão a propriedade para adquiri-los, além do leite de vaca *in natura*.

Além da venda do vinho artesanal, a família também realiza a produção de linguiça caseira, geleias, vinagre, doces, sucos, pimenta, entre outros produtos, que também são comercializados na adega da família.

É possível combinar previamente um café da manhã ou almoço para grupos de mais de 15 pessoas na propriedade rural. As filhas do entrevistado que realizam todo o preparo dos alimentos, com produtos da propriedade: bolachas, leite, suco de goiaba e geleias caseiras fazem parte dos quitutes servidos.

Em relação as atividades não-agrícolas desenvolvidas no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou o trabalho de um dos genros aos finais em um restaurante (que participa da Rota Turística da Cultura Italiana). Contudo, durante os demais dias, ele auxilia nas atividades da propriedade rural.

De acordo com o entrevistado, o ambiente simples e o acolhimento da família são o que mais encantam os visitantes que vão até a propriedade rural, além disso, é uma oportunidade das pessoas realizarem algumas das atividades que a família desempenha quase que todos os dias, como por exemplo, colher os produtos cultivados na horta e conhecer a criação de suínos e bovinos, além de descansar em meio a área verde da propriedade.

Outra propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família D no bairro rural da Colônia. De acordo com o Quadro 2, a renda adquirida com as atividades agrícolas equivale à 10% da renda total familiar mensal, sendo muito inferior se comparada com as



atividades e rendas não-agrícolas, em que, destaca-se o turismo rural na propriedade através da adega e do restaurante que representam 60% da renda e com uma “franquia” da adega no *Shopping Center* de Jundiaí, que contabiliza 20% da renda total familiar. Além disso, as aposentadorias da entrevistada, do marido e da mãe contabilizam 10% da renda.

A comercialização da fruta *in natura* ocorre somente com algumas barracas de frutas dos municípios de Jundiaí, Itupeva e Jarinu. A família produz cerca de 40 mil litros anualmente de vinho. Todos os produtos são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local. Além da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a produção de licores, cachaças, espumantes e sucos de uva.

Além de possuir uma grande diversificação de bebidas artesanais, há também uma boa variedade de pães, queijos, biscoitos, azeite, salames, doces, etc., que são produzidos no local e alguns adquiridos em lojas do município de Caldas – MG.

Assim como no restaurante da família B, este da família D também é todo dedicado à gastronomia italiana, mas também diversifica o *menu* com outros alimentos, como porções de frango a passarinho, fraldinha assada ao molho de cerveja, fritas com *bacon*, etc. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente.

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, a entrevistada ressaltou que não ocorrem. Entretanto, há uma renda não-agrícola que vem do exterior da propriedade e que passou a complementar o orçamento familiar, trata-se da inauguração da adega da família num *Shopping Center* de Jundiaí.

Outra propriedade rural visitada foi a da família E no bairro Jundiaí-Mirim. Nessa propriedade, além das plantações de uvas e a adega da família é possível encontrar um restaurante rural, em que, as rendas são contabilizadas no orçamento familiar mensal.

Tendo como referência o Quadro 2, a renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 15% da renda total familiar mensal, enquanto que, a renda obtida com o desenvolvimento de atividades não-agrícolas é representada pelo turismo rural na propriedade, que equivale a 65%, 10% representa a renda das aposentadorias do entrevistado e da sua mãe e 10% é equivalente do trabalho de um membro da família (nora do entrevistado) no exterior da propriedade rural.

De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* na própria propriedade e com duas (2) barracas de frutas de Jundiaí e dois (2) quiosques. A família produz cerca de 8 a 15 mil litros anualmente de vinhos e todos os produtos são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local. Além da produção e da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a venda de licores, cachaças doces, cervejas artesanais, sucos de uva, queijos, salames, vinagre de vinho e pimentas, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região.

O restaurante é todo dedicado a gastronomia italiana, tendo foco principalmente nas massas. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente.

De acordo com o entrevistado, os visitantes buscam e apreciam justamente o contato com a natureza, a tranquilidade e a comida farta e boa e isto a propriedade rural consegue oferecer. Existe um espaço amplo com muita área verde, sendo possível realizar trilha, durante o caminho encontra-se uma lagoa para pesca e nos seus arredores é possível observar árvores de acerola, jabuticaba e goiabeira que podem ser colhidas e consumidas à vontade, além disso, a primeira casa construída pelo patriarca da família se encontra até hoje no local como forma de preservar a história.

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou apenas o trabalho da nora em uma empresa metalúrgica do município durante a semana, e, aos finais de semana ela auxilia nas atividades da propriedade.

A penúltima propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família F, localizada no bairro rural da Roseira. A propriedade da família permanece com as plantações de uva, porém a principal fonte de renda da família provém da adega e de um restaurante localizados na propriedade.

De acordo com o Quadro 2 a renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 20% da renda total familiar mensal, enquanto que, em relação as atividades e rendas não-agrícolas, 65% da renda da família advém da prática do turismo rural na propriedade rural e 15% da renda é representado pela aposentadoria do entrevistado e dos seus pais (responsáveis pela propriedade).

De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* com o CEASA do município de Jundiaí. Além disso, a propriedade possui uma horta, as hortaliças são comercializadas na propriedade rural, podendo ser realizado o colhe e pague pelos interessados mediante o pagamento de uma taxa. Entre os produtos, que por sinal são cultivados sem adição de agrotóxicos, destacam-se a alface crespa, lisa, roxa, couve manteiga, rúcula, salsinha e espinafre.

A família produz cerca de 15 mil litros de vinhos anualmente que são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local. Cabe destacar que além da produção e da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a venda de licores, cachaças, doces, pickles, cervejas artesanais e sucos de uva, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região.

O restaurante possui características italianas e o principal foco são as massas que são preparadas artesanalmente, de acordo com o entrevistado.

Em relação às atividades e rendas não-agrícolas realizadas no exterior da propriedade rural, o entrevistado ressaltou que nenhum membro da família exerce, pois todas as atividades e rendas da família são decorrentes das atividades desenvolvidas na propriedade rural.

Para o entrevistado, o amplo espaço com muita área verde, o contato com o “modo de vida caipira” e a tranquilidade são os diferenciais da propriedade rural, por isso os visitantes buscam e apreciam justamente esses elementos que são mais difíceis de encontrar nos grandes centros urbanos. Além disso, nos arredores do restaurante é possível conhecer além das plantações de uva, outras de frutas, tais como de pêssego, poncã, limão e goiaba.

A última propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família G, localizada no bairro rural da Toca. Além de permanecer com o cultivo da uva, a família também possui uma adega/cervejaria e um restaurante na propriedade, sendo que a renda é contabilizada no orçamento mensal familiar.

Ao analisar o Quadro 2, é evidente que a renda obtida com as atividades agrícolas é muito inferior (equivalendo a 10% da renda total familiar mensal) se comparada com as atividades e rendas não-agrícolas, em que, se destaca o turismo rural na propriedade, que representam 80% e a aposentadoria dos pais responsáveis pela propriedade equivale a 10% da renda da família.

De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* na propriedade rural, pois a quantidade cultivada é pequena, possuindo cerca de 7 mil pés de uva.

A família produz cerca de 8 mil litros de vinhos anualmente e todos os produtos são comercializados na adega da família e no restaurante para consumo no local. Também ocorre a comercialização de outros produtos na adega da família, tais como, licores, cachaças, pingas, doces, pães caseiros, salames, massas, cafés, cervejas artesanais e sucos de uva, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região ou de Minas Gerais - MG.

O restaurante possui características italianas e da região sudeste do país, os principais focos são as massas frescas que são preparadas artesanalmente (lasanha, macarrão, nhoque,



canelone, entre outras) e em porções (batatas fritas, mandioca frita, frango com polenta, torresmo, pancetta no rolo, costela a bafo com mandioca, costelinha suína, linguiça, bolinho de carne seca, entre outras opções). Além disso, a família realiza eventos gastronômicos na propriedade buscando atrair um maior número de visitantes. A divulgação dos eventos ocorre na propriedade rural, e por meio das redes sociais da própria família e das Rota Turísticas da Uva e do Vinho.

Quanto as atividades e rendas não-agrícolas realizadas por membros da família no exterior da propriedade rural, nenhum membro da família as realiza, sendo que todas as atividades são desenvolvidas na propriedade rural em prol da adega e do restaurante.

Considerações Finais

A multifuncionalidade passou a ser compreendida como um instrumento analítico eficaz e com enfoque inovador que permite compreender a complexidade de parte do mundo rural e as diferentes dinâmicas sociais e culturais existentes. Sob essa perspectiva, alguns espaços rurais deixam de ser vistos apenas como local de produção agrícola e passam a ser compreendidos como espaços que englobam outros serviços e funções. No caso do município de Jundiaí, a multifuncionalidade está muito concebida a preservação de paisagens rurais e das tradições rurais, principalmente em torno do cultivo da uva e da produção de vinhos artesanais, de famílias descendentes de italianos.

O espaço rural tornou-se um espaço cada vez mais heterogêneo, com uma pluralidade de atividades, além das atividades agrícolas. Os agricultores acionam diversas estratégias que têm viabilizado a reprodução social e a permanência das famílias no meio rural.

Essa é a situação das grandes cidades do Brasil, principalmente as que se situam mais próximas das Regiões Metropolitanas de São Paulo e de Campinas, como é o caso de Jundiaí, devido ao acesso privilegiado às principais vias de circulação: Rodovia Anhanguera e Rodovia dos Bandeirantes e possuindo Rotas Turísticas com diversas atrações em meio rural, acaba por atrair a população desses grandes centros urbanos que podem satisfazer suas necessidades de entrar em contato com a natureza e descansar e conseqüentemente, proporcionar uma outra fonte de renda para as famílias.

No caso das propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva, os produtores rurais pesquisados têm recorrido à pluriatividade como estratégia de reprodução social, através da combinação da agricultura (principalmente através do cultivo da uva) e de atividades não-agrícolas voltadas para o turismo rural (adegas, restaurantes, pesque-pague, etc.) na propriedade e/ou serviços realizados pelos membros da família (sem vínculo agrícola) em atividades externas à propriedade.

Dentre as atividades não-agrícolas que passaram a ser desenvolvidas pelas famílias, duas merecem destaque: a) **as adegas**: das sete (7) propriedades rurais visitadas, todas são caracterizadas pela presença de adegas, sendo que, por meio destas, as famílias rurais passam a produzir, processar e transformar parte da sua produção de uva visando a comercialização, promovendo, assim, uma nova modalidade de trabalho na propriedade, se constituindo – muita das vezes – na principal fonte de renda familiar, caracterizando a pluriatividade; b) **os restaurantes rurais**: das sete (7) propriedades rurais visitadas, em cinco (5) é possível observar a presença de restaurantes. Por meio destes estabelecimentos, os visitantes passaram a ficar mais tempo no local, pois é uma oportunidade de conhecer a propriedade rural, descansar em meio ao ambiente do campo e ainda desfrutar da culinária italiana, resultando assim, como uma das principais fontes de renda das famílias rurais.

Deve-se ressaltar a oportunidade de geração de renda para além do local, pois como foi destacado pelos produtores rurais entrevistados que há a elaboração da própria família de



doces, pães, biscoitos, etc, para comercialização em suas adegas, e também ocorre a aquisição desses produtos em Minas Gerais, como por exemplo do município de Caldas.

Portanto, procurou-se compreender a pluriatividade como uma noção que permite apreender as características do espaço rural no período atual e, sobretudo, no contexto do município de Jundiá: um exercício teórico que permite examinar as mudanças ocorridas na agricultura e, por isso, uma noção diversificada que torna apropriado compreender as modificações ocorridas nas estruturas familiares rurais, principalmente através da implementação do turismo rural. Certamente, a pluriatividade revela as especificidades de uma parte do “mundo rural atual”, sobretudo daqueles territórios próximos dos grandes centros urbanos, por consequência, suas mudanças e suas adaptações diante das acelerações do mundo contemporâneo.

Referências

- ALVES, José. **Dinâmica Agrária do Município de Ortigueira (PR) e a Reprodução Social dos Produtores Familiares: uma análise das comunidades de Pinhalzinho e Vila Rica**. 2004. 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente.
- BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e Rural, Cidade e Urbano: Distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. 4º Encontro nacional de grupos de pesquisa - ENGRUP, São Paulo, p. 132-150, 2008.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Aspectos históricos e conceituais da multifuncionalidade da agricultura. In: **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, 2009, São Paulo. XIX ENGA - Formação e contemporaneidade da diversidade socioespacial no campo. São Paulo, 2009.
- DEL GROSSI, Mauro Eduardo; GRAZIANO DA SILVA, José. A evolução das ocupações não-agrícolas no meio rural brasileiro de 1992 a 1995. **Revista Indicadores Econômicos**. Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística, v. 25, n. 3, nov, p. 105 – 126, 1998.
- FROELICH, José Marcos; GEDIEL, Ana Luisa Borda. Multifuncionalidade - o rural como espaço terapêutico. **Revista Brasileira de Agroecologia** (Online), v. 2, p. 1021-1024, 2007.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, SP: UNICAMP-IE. (Coleção Pesquisas, 1). 1999.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Disponível em < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao> > Acesso em: 22/12/2022.
- JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018. Disponível em < <https://tribunadejundiai.com.br/noticias/mais/turismo/4717-rota-da-uva-cerca-de-9-milpessoas-visitam-rota-turistica-semanalmente> > Acesso em: 10/12/2020.
- KLEIN, Angela Luciane; SOUZA, Marcelino de. A Multifuncionalidade da Agricultura e a Função Educativa das Propriedades Rurais: experiências a partir da prática do turismo rural pedagógico. **Revista Turismo em Análise**, v. 24, p. 191-205, 2013.
- LEITE, Inês Fonseca. **Multifuncionalidade da paisagem como desenvolvimento rural**. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) – Universidade Técnica de Lisboa.
- MALUF, Renato Sérgio Jamil. A multifuncionalidade da agricultura brasileira na realidade rural brasileira. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Orgs.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, p. 135-153.
- MENEGATI, Regiane Aparecida. **Produção familiar e as estratégias de reprodução social no espaço rural do Município de Indiana (SP)**. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente.
- MIOR, Luiz. A agricultura familiar e o rural não agrícola como estratégias de desenvolvimento rural: as controvérsias do debate. In: **Annals of World Congress of Rural Sociology**, Rio de Janeiro, 2000.



PEDRO, Vânia Cristina dos Santos; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Estratégias de reprodução social dos produtores rurais da microbacia do córrego 1º de maio/timburi no município de Presidente Prudente – SP. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, v.1, p.60-77, jan./jul.2013.

PINTO-CORREIA, Teresa. Multifuncionalidade da paisagem rural: novos desafios à sua análise. **Inforgéo**. Julho, Ed. Associação Portuguesa de Geógrafos. 2007. p 67-71.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2016. Disponível em <
<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/rotas-turisticas-de-jundiai-oferecem-atracoes-rurais-aturistas-e-moradores/>> Acesso em: 18/11/2022.

ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ. Disponível em <
<https://rotasturisticas.jundiai.sp.gov.br/uva/historia/>> Acesso em: 06/12/2020.

SACCO DOS ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia Velleda. Semântica e formação discursiva: A propósito do debate sobre pluriatividade e multifuncionalidade. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 44., 2006, Fortaleza. Anais... Fortaleza: SOBER, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não-agrícolas. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul - RS, v. 9, n. 3, p. 75-109, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio. (Org.) **A Diversidade da Agricultura Familiar**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 165-185, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas de investigação. In: GRAMMONT, H.C. de; MARTINEZ VALLE, L. (Org.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. 1. ed. Quito/ Equador: Editora Flacso – Serie FORO, v. 1, p. 132-161, 2009.

SOARES, Nádia Bolzan. **Água e Multifuncionalidade da Agricultura: uma análise a partir dos orizicultores de Cacequi – RS**, 2008, 210 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

TEIXEIRA, Maria Cristina Santos. **A perspectiva pluriativa como estratégia de reprodução da agricultura familiar na microrregião do agreste de Itabaiana - SE**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Sergipe – UFS.

WANDERLEY, Maria Nazaré Baudel. Apresentação. In: CARNEIRO, Maria José; MALUF, Renato. **Para além da produção: Multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: NEAD, 2003.